

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
7 de Maio de 2025
A Cinemateca com IndieLisboa

BEYOND CLUELESS / 2015

*Um filme de Charlie Shackleton,
assinado como Lyne*

Argumento e montagem: Charlie Shackleton (como Charlie Lyne) / *Música:* Summer Camp / *Narração:* Fairuza Balk.

Produção: Billy Boyd Cape, Anthony Ing, Charlie Lyne / *Cópia:* digital (suporte original) versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 91 minutos / *Estreia mundial:* Estados Unidos, 10 de Março de 2014 / *Primeira apresentação em Portugal:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 29 de Abril de 2015, no âmbito do ciclo “A Cinemateca com o IndieLisboa”

Com a presença do realizador

Apresentado nesta sala há nove anos, em outra colaboração entre a Cinemateca e IndieLisboa, **Beyond Clueless** é um filme de montagem, um documentário/comentário sobre um tipo de cinema a que nem todos dariam próxima atenção: os filmes de adolescentes, ou melhor *sobre* adolescentes, realizados em fins dos anos 90 e começos dos anos 2000, mais exatamente cerca de duzentos filmes realizados entre 1992 e 2006. Este período corresponde à infância e a parte da adolescência do realizador, que nasceu em 1991. O título é um trocadilho entre *pior do que sem a menor dica e além de Clueless*, o filme realizado por Amy Heckerling em 1995, que teve o título comercial português de **As Meninas de Beverly Hills**. Logo, esta obra de estreia do jovem Charlie Lyne (foi assim que Shackleton assinou os seus primeiros trabalhos) tem como ponto de referência um filme que teve êxito mundial, situado num liceu de meninas chiques em Los Angeles. Embora as etapas da adolescência sejam bastante semelhantes através das épocas e dos países, há evidentemente especificidades culturais, nacionais e em **Beyond Clueless** temos um uma hora e meia de mitologias adolescentes americanas dos nossos tempos. Se quase toda a produção americana dos últimos quarenta anos é dirigida primordialmente aos adolescentes (devidamente infantis e ignaros), não deixa de ser interessante, de um ponto de vista sociológico, ver quais são as mitologias deste mundo a terem sido privilegiados pelo cinema industrial americano contemporâneo e quais são as suas formas de representação. Como são mostrados nas ficções do cinema industrial as pessoas a quem destinam quase todas as ficções que esta indústria produz? Quem estiver *beyond clueless*, isto é, quem não souber patavina deste cinema e dos seus personagens, ficará a saber alguma coisa, pois este é um filme que trata o espectador como se fosse um adolescente numa sala de aula: o filme inteiro é uma lição, com a voz *off* de Fairuza Balk dando explicações. Charlie Shackleton parece levar bastante a sério os filmes que aborda e também foi levado a sério, como se vê por estas linhas assinadas por Anton Bitel no número de *Sight & Sound* de Fevereiro de 2015: “*Trata-se de um retrato pós-moderno dos problemas da adolescência, filtrados por representações passadas em filmes sobre adolescentes, o «universo paralelo» que de certa forma acompanhou, modulou e influenciou todos os nossos ritos de passagem*” (“ritos de passagem” nunca podem faltar nos artigos e declarações sobre filmes em que haja adolescentes e a noção de *pós-moderno*, contemporânea destes filmes, nunca morreu nas páginas da revista), acrescentando adiante: “**Beyond Clueless** é, afinal de contas, um trabalho estruturalista, que usa uma vigorosa comparação de imagens vindas de fontes diferentes para tornar inteligível e acessível o sistema que está para além do caos da experiência adolescente, real e representada”. No pouco prolixo site do

realizador/artista, num breve texto que se presume redigido por ele, o filme é apresentado como “*uma estonteante viagem pela mente, o corpo e a alma dos filmes sobre adolescentes, através dos olhos de mais de 200 clássicos modernos sobre a passagem à idade adulta* [coming of age].

A adolescência costuma ser muito idealizada no cinema, mas não parece sê-lo especialmente nos filmes aqui selecionados, em que o grau de indefinição dos personagens é total. O realizador dividiu o filme em cinco capítulos que definem as principais etapas ou “ritos de passagem” nestes filmes, que se parecem muito a episódios de séries de televisão, com os seus personagens que tanto podem estar aqui como acolá: 1) *adaptar-se* (o que já diz alguma coisa sobre a noção de “tribos” neste meio); 2) *estar em representação* (ou *agir de maneira idiota*, outro sentido de *acting out*, o que é uma maneira de se adaptar); 3) *entregar-se*; 4) *aderir à norma*; 5) *seguir em frente*; o epílogo não tem subtítulo. Como se vê, trata-se de uma progressão, entre o momento em que um(a) adolescente entra num liceu e o dia em que obtém o seu diploma e sai para o mundo, tendo sempre de aderir à norma. O filme é demonstrativo, como o são os filmes que aborda e como é boa parte do cinema americano industrial contemporâneo. A hoje esquecida, mas ainda ativa, Fairuza Balk (**Valmont; Gas, Food, Lodging**, além do papel de uma imigrante portuguesa na Nova Jersey, num filme mais *terre à terre*), lê com muita convicção os sérios comentários do realizador, tendo como contraponto uma música “adolescente” ininterrupta. É como se ouvíssemos de um lado a ladainha de uma professora e do outro a música de uma festa, que nos desse vontade de sair da sala de aulas: uma situação tipicamente adolescente. Os comentários “traduzem” os gestos e situações, o que está longe de ser inútil, pois os pormenores mais significativos de um filme podem passar despercebidos pelo espectador, mesmo num cinema como o americano do período em questão, em que tudo é mais do que “mastigado” para o espectador. Shackleton escolheu, por assim dizer, unicamente cenas entre adolescentes, sem contacto com os adultos, se excetuarmos brevíssimas aparições de professores ou conselheiros pedagógicos e a presença de uma mãe castradora (não pela violência direta, mas pela infantilização). Estamos, por conseguinte, num círculo fechado, em que têm muita importância as noções de fama e poder, além das inevitáveis passagens sobre a iniciação sexual. Chama a atenção o número relativamente elevado de trechos selecionados que tem característica de filmes fantásticos: adolescentes que voam, que explodem, como se estivéssemos num jogo de vídeo, paraíso talvez não perdido de quem era adolescente quando estes filmes foram feitos. **Beyond Clueless** é um filme que não passou despercebido: além da habitual ronda de festivais em vários continentes (desde os anos 80 os festivais passaram a ser um circuito de distribuição alternativo) foi lançado comercialmente em alguns países.

Antonio Rodrigues